



CID SEIXAS

O TROVADORISMO GALAICO-PORTUGUÊS

Parte V: Outras Cantigas
Trovadorescas

<https://issuu.com/e-book.br/docs/trovadorismo05>

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

Os livros eletrônicos da coleção **E-Poket**, conforme o título já indica, têm como característica o tamanho reduzido, similar às pequenas coleções de bolso. No caso presente, o formato *e-poket* foi desenvolvido para ser lido, com todo conforto visual, em celulares e outros equipamentos de telas com tamanho diminuto.

O Trovadorismo Galaico-Português, livro originalmente publicado no ano de 1997, em brochura impressa, e agora disponibilizado em mídia digital, é dividido em cinco partes para se adequar ao formato breve dos demais livros da coleção **E-Poket**.

A large, stylized, light beige number '5' is centered on the page, serving as a background for the title text.

O TROVADORISMO
GALAICO-PORTUGUÊS

Copyright 1997 © by Cid Seixas
Rua Dr. Alberto Pondé, 147/103
CEP 40 296 250 — Salvador, Bahia, BRASIL
E-mail: cidseixas@yahoo.com.br

Endereços deste e-book:
issuu.com/e-book.br/docs/trovadorismo5
e-book.uefs.br/trovadorismo
linguagens.ufba.br/trovadorismo

Tipologia: Gatineau, corpo 12
Formato: 100 x 170 mm
Número de páginas: 82
Salvador, 2019

Cid Seixas

**O Trouadorismo
Galaico-Português**

Com Apuração dos Textos
em Língua Arcaica

Parte II:
Outras Cantigas Trouadorescas

e-book.br

Editora Universitária
do Livro Digital

Coleção
e-pocket

CONSELHO EDITORIAL:

Cid Seixas (UFBA | UEFS)

Ester M^a de Figueiredo Souza (UESB)

Gabriel Evangelista (UEFS)

Marcio Ricardo Coelho Muniz (UFBA)

Rita Aparecida Coelho (UNEB)

Tércia Valverde (UEFS)

O TROVADORISMO
GALAICO-PORTUGUÊS

Volume 1:

Crítica e Apuração de Textos

Volume 2:

Cantigas de Amor

Volume 3:

Cantigas de Amigo

Volume 4:

Cantigas de Escárnio e Maldizer

Volume 5:

Outras Cantigas Trovadorescas

SUMÁRIO

OUTRAS CANTIGAS

TROVADORESCAS

Sirvantês Sobre a Verdade	11
Sirvantês Sobre	
o Desconcerto do Mundo	13
Lai de Leonoreta	15
Tençon sobre o Soldo	17
Tençon sobre o Trobar	19
Tençon sobre o Jogral	21

NOTAS DE LEITURA

DE OUTRAS CANTIGAS

Leitura e interpretação	23
Sirvantês Sobre a Verdade	27
Sirvantês Sobre	
o Desconcerto do Mundo	29

Lai de Leonoreta	31
Tençon sobre o Soldo	33
Tençon sobre o Trobar	38
Tençon sobre o Jogral	41

GLOSSÁRIO DE TERMOS

GALAICO-PORTUGUESES	43
---------------------------	----

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

NÃO REFERENCIADA	69
------------------------	----



**Outras Cantigas
Trovadorescas**



Lay de Leonoreta

Joan Cobeyra

Senhor genta,
mi tormenta
voss' amor en guysa tal
que tormenta
que eu senta
outra nã m' he ben nen mal,
mays la vossa m' he mortal.

Leonoreta,
fin rosetta,
bela sobre toda fror,
fin rosetta,
non me metta
en tal cogta voss' amor.

Sirventês Sobre a Verdade

Ayras Nunes de Sant'Iago

Porque no mundo mengou a verdade,
 punhey um dia de a ir buscar;
 e, hu por ela me fuy a preguntar,
 disserõ todos: “Alhur la buscade,
 ca de tal guysa se foy a perder,
 que nõ podemos en novas aver
 nen ja nos anda na irmãdade.”

Nos moesteyros dos frades regrados
 a demãdey, e desserõ-m' assi:
 “Nõ busquedes vos a verdad' aquy,
 ca muytos anos avemos passados
 que nõ morou nosco, per bõa fee,
 nen sabemos hu ela agora x' he
 e d' al avemos mayores coydados.”

E en Cistel, hu verdade soia
 senpre morar, desserõ-me que nõ
 morava i avia grã sazõ,
 nõ frade d' i ja a nõ conhocia,

nẽ o abade outrossi nõ estar
sol nõ queria que foss' i pousar;
e anda ja fora da abadia.

En Sant' Iago, seẽd' albergado
en mha pousada, chegarõ romeus;
pregunteyos e desserõ: "Par Deus,
muyto levadelo caminh' errado,
ca, se verdades quyserdes achar,
outro caminho conven a buscar,
ca nõ saber aquy dela mãdado."

Sirventês

Sobre o Desconcerto do Mundo

Martin Moxa

Amigos, cuyd' eu que Nostro Senhor
 non quer no mundo ja mētes parar;
 ca o vejo cada dia tornar
 de ben en mal e de mal em peyor;
 ca vejo bōos cada dia decer
 e vejo maos sobr' eles poder;
 poren non ey da mha morte pavor.

O mundo tod' avessas vej' ir,
 e quantas cousas no mūdo son
 a avessas andan, se Deus mi perdon;
 poren nō deu' ãt' s mort' a fogir
 quen sabe o ben que soia seer;
 e veend' o mūd' outra guysa correr,
 el nō se pode de morte partir.

Os que morrerō mentr' era melhor
 ã poren mūyt' a Deus que agradecer,

ca saben ja que non an de morrer
nen er atēden que vejan peyor
como oj' atēden os que vivos son;
e poren tenh' eu que faz sen razón
quen deste mundo ha grã sabor.

E poren tenh' eu que he mũy melhor
de morrer, omẽ, mentre lhi ben for.

Lay de Leonoreta

Joan Lobeyra

Senhor genta,
mi tormenta
voss' amor en guysa tal
que tormenta
que eu senta
outra nõ m' he ben nen mal,
mays la vossa m' he mortal.
Leonoreta,
fin rosetta,
bela sobre toda fror,
fin rosetta,
non me metta
en tal coyta voss' amor.

Das que vejo
non desejo
outra senhor se vos nõ,
e desejo
tan sobejo

mataria huñ leon,
senhor do meu coraçom.
Leonoreta,
fin rosetta,
bela sobre toda fror,
fin rosetta,
nõ me meta
en tal coyta voss' amor.

Mha ventura
en locura
me meteu de vus amar;
he loucura
que me dura,
que me non posso en quytar.
Ay fremosura sen par.
Leonoreta,
fin rosetta,
bela sobre toda fror,
fin rosetta,
non me meta
en tal coyta voss' amor.

Tençon sobre o Soldo

entre Don Joan Garcia de Guylhade
e o Jogral Lourenço

— Mũyto te vejo, Lourenço, queyxa
pola cevada e polo beber
que t' o non mando dar a teu prazer,
mays eu t' o quero fazer melhorar:
poys que t' agora citolar oi
e cantar, mando que t' o deem assy
ben como o tu sabes merecer.

— Joan Garcia, se vus en pesar
de que me queyx' eno vosso poder,
o melhor que podedes i fazer
non me mãdedes a cevada dar
mal, nen o vinho que mi non dan i
tan ben com' eu sempre mereci,
ca vus seria grave de fazer.

— Lourenço, a min grave non seraa
de te pagar tanto que mi quese.
poys ante mi fizeste teu mester;

mũy ben entendo e ben vejo ja
 come te pagu', e logo o mandarey
 pagar a un gran vilão que ey,
 se hũ bõo pao na mão tener.

— Joan Garcia, tal paga acharaa
 en vos o jograr quand' a vos vier;
 mays outr', a que seu mester fazer
 qu' o me entenda, mũy ben faraa
 que panos ou algo merecerey,
 e vossa paga ben a leyxarey:
 a pagad' a outro jograr qualquer.

— Poys Lourenço, calat' e calarm' ey;
 e todavia tigo mi averrey
 e do meu filha quanto que m' eu der.

— Joan Garcia, non vus filharey
 alg', e mũy ben vus citolarey;
 e conhosome mũy ben a trobar.

— A mofar, Don Lourenço, e a chufar.

Tençon sobre o Trobar

entre Don Joan Garcia de Guylhade
e o Jogral Lourenço

— Lourenço Jograr, has mûy gran sabor
de citolares, ar queres cantar,
des i ar filhas-te log' a trobar
e tãest' ora ja por trobador;
e por tod' esto ãa ren ti direy:
Deus me confonda, se oj' eu i sey
d' estes mesteres qual fazes melhor.

— Joan Garcia, são sabedor
de meus mesteres sempre deantar,
e vos andades por mi os desloar;
pero, non sodes tan desloador
que, con verdade, possades dizer
que meus mesteres non sey ben fazer;
mays vos non sodes i conhecedor.

— Lourenço, vejot' agora queyxa
pola verdade que quero dizer:
metesme ja por de mal conhecer,

mays en non quero tigo pelear
 e teus mesteres conhocert' os ey,
 e dos mesteres verdade direy:
 “ess' he que foy con os lobos arar”.

— Joan Garcia, no vosso trobar
 acharedes muyto que correger;
 e leyxade-mi, que sey ben fazer
 estes mesteres que fuy começar;
 ca no vosso trobar seym' eu com' he:
 i ha de correger, per bõa fee,
 mays que nos meus, en que m' ides travar.

— Ves, Lourenço, ora , assanharey,
 poys mal i entenças, e te farey
 o citolon na cabeça quebrar.

— Joan Garcia, se Deus mi perdon,
 mũy gran verdade digu' eu na tençon,
 e vos fazed' o que vus semelhar.

Tençon sobre o Jogral

entre Don Pero Garcia Burgalez
e o Jogral Lourenço

— Quero que julgades, Pero Garcia,
d' antre min e todos los trovadores
que de meu trobar son desdezidores,
poys que eu ey mũy gran sabedoria
de trobar, e d' o mũy ben fazer,
se ey culpa no que me uan dizer
julgade-o sen toda banderia.

— Don Lourenço, mũyto me cometedes,
e en trobar mũyto vus ar loades;
e dizen esses con que vos trobades
que de trobar nulha ren non sabedes,
nen rimades nen sabedes iguar.
E poys vus assi travan en trobar
de vus julgar, senhor, non me coytedes.

— Don Pero, en como vus ouç' i falar
ou vos ben non sabedes julgar

ou ja dos outros ofereçon avedes.
— Don Lourenço, veio i vus posfaçar,
mays quen non rima nen sabe iguar,
se eu juizo dou, queyxarvusedes.

NOTAS DE LEITURA

de Outras Cantigas

Trovadorescas

Além das produções líricas, em forma de cantigas de amor e de cantigas de amigo, e das satíricas, subdivididas em cantigas de escárnio e cantigas de maldizer, a inventividade dos trovadores galaico-portugueses compreendeu também outras formas menos usuais ou menos esquemáticas. Uma derivada da própria dinâmica trovadoresca, como os *sirventeses* e as *tenções*, outras, tomadas de empréstimo a culturas estrangeiras, como o *lai*.

O *sirventês* é uma cantiga de caráter conceitual, ora satírica, ora lírica, posta

a serviço da reflexão e do compromisso da arte em contribuir para rever as relações sociais e interpessoais, usando o modo mais direto do dizer ou o subterfúgio da ironia. Embora quase sempre identificado com a sátira, o sirventês, por vezes, se realiza além deste limite, já que a sua característica básica é o uso da arte de trovar para rever ideias e conceitos.

O lai, pequeno poema medieval, lírico ou épico, é de origem escocesa, embora tenha sido praticado pelos franceses e por outros povos europeus. Marie de France, a primeira mulher poeta da França, escreveu no século XII diversos lais que contribuíram para a difusão do gênero. Convém observar, no entanto, que os lais ganharam lugar na cultura hispânica e portuguesa através das novelas de cavalaria do ciclo bretão.

As tenções, geralmente de maldizer, foram muito praticadas no trovadorismo, especialmente envolvendo adversários de ideias ou trovadores nobres, de um lado, e segréis, ou jograis que também eram trovadores, do outro lado. As tenções serviam para os trovadores mostrarem suas habilidades na arte da trova e discutirem pontos de vista. O século XV retoma as tenções trovadorescas e dá continuidade a esta tradição, ainda hoje comum no Nordeste do Brasil, sob a forma dos desafios dos trovadores-violeiros.

Como os vilões reclamavam o título de *trovador*, observa D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, mal tinham passado de instrumentistas e cantadores a compositores de versos e sons, surgia a dissidência, ou a *tenção*, com os trovadores de linhagem. Estes últimos eram essencialmente autores de cantigas de amor, a rigor única forma considerada

compatível com a formação de um nobre. Eles praticavam os outros gêneros por mero divertimento, mas era na cantiga de amor que afirmavam o seu talento e a sua condição aristocrática.

Como um exemplo, entre muitos, da indignação causada aos trovadores pelos jograis, vale a pena transcrever a censura que D. Joan d' Aboim faz ao jogral Lourenço:

*Lourenço, soias tu guarecer
como podias por teu citolon,
ou ben ou mal, non ti digu' eu de non;
e vejo-se de trobar trameter.
E quero-te d' esto desenganar:
ben tanto sabes tu que ã trobar,
ben quanto sab' o asno de leer.*

Para o trovador, o tocador de citolon deve ser desenganado quanto à sua pretensão de trovar, porque ele entende tanto desta arte quanto um burro

entende da leitura. Observe-se que esta arrogância dos trovadores se devia ao fato deles terem aprendido a ler e a escrever, exercitando a versificação em latim, enquanto os jograis, habitualmente pertencentes à camada popular, não frequentavam as escolas, destinadas aos clérigos e aos nobres.

O interesse dos homens de linhagem pela formação anteriormente reservada ao clero fez com que, a partir de 1269, a Igreja abrisse oficialmente as aulas de gramática, lógica e teologia a todos que quisessem se ilustrar nas ciências da época. O sucesso foi tamanho que, anos depois, com o édito de D. Denis, foi criado o Colégio do Nobres.

1 Sirventês sobre a verdade

Ayras Nunes de Sant' Iago é o autor deste sirventês, onde o trovador cons-

tata a ausência da verdade, mesmo nos lugares presumivelmente mais respeitáveis, onde esperava encontrá-la.

— Porque no mundo minguou a verdade, pus-me um dia a ir buscá-la, e onde fui perguntar por ela, todos disseram: Procure em outro lugar, alhures (*albur la buscade*), porque ela se perdeu de tal forma (*ca de tal guysa*) que não podemos ter notícias dela (*novas aver*), já nem anda na irmandade (*nen ja nos anda na irmãdasde*).

— Fui procurá-la nos mosteiros dos frades mais obedientes (*regrados*, que seguem as regras) e me disseram: Não busque a verdade aqui porque muitos anos foram passados sem que ela morasse conosco. Para falar a verdade (*per bõa fee*), nem sabemos onde ela está agora, e temos cuidado de outras coisas (*d' al avemos mayores coydados*).

— No mosteiro de Cister, onde a verdade costumava (*soia*) morar, disseram

que havia muito tempo que não morava ali (*non morava i avia gran sazon*). Os frades de lá já não a conheciam, nem o abade permitia que ela se hospedasse lá, motivo pelo que ela já não anda na abadia.

— Em Santiago, na pousada onde eu estava albergado, chegaram romeiros, aos quais perguntei e me disseram: Por Deus, o caminho está errado, se você quiser achar a verdade convém buscar em outro caminho, porque aqui ninguém tem notícias dela (*ca non saber aquy dela mandado*).

2 Sirventês sobre o desconcerto do mundo

O tema do desconcerto do mundo, que muito preocupou aos poetas do renascimento, a exemplo de Camões,

já aparece neste sirventês de Martim Moxa:

— Amigos, imagino que Nosso Senhor não quer mais olhar pelo mundo; porque o vejo cada dia de mal a pior. Vejo os bons descerem cada vez mais e o maus obterem poder sobre todos; por isso não temo a morte.

— O mundo todo às avessas vejo ir (*O mundo tod' avessas vej' ir*), e quantas coisas neste mundo vejo andar ao contrário, que Deus me perdoe. Não deve fugir diante da morte quem sabe o quanto bom o mundo costumava ser antes (quem sabe o ben que soía seer); e vendo o mundo andar de outro jeito não se pode evitar a morte.

— Aqueles que morrerem enquanto a vida era melhor (*Os que morreron mentr' era melhor*) têm muito o que agradecer a Deus, porque já sabem que não terão de morrer nem têm que ver o mundo tornar-se pior como ocorre

com os que hoje estão vivos. Tenho comigo que não tem razão (*tenh' eu que faz sen rason*) quem encontra grande prazer em viver neste mundo.

— Imagino ainda que é muito melhor o homem morrer enquanto as coisas ainda estão indo bem (*E poren tenh' eu que é muy melhor de morrer, omen, mentre lhi ben for*).

3 Lai para Leonoreta

Joan Lobeyra foi um fidalgo que viveu na corte portuguesa, na segunda metade do século XIII. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, no monumental trabalho de rastreamento de livros de linhagem e demais documentos antigos, para levantar a identidade dos trovadores galaico-portugueses, registra a maioridade (vinte e cinco anos) do nobre-homem por volta de 1261.

O “Lai de Leonoreta” aparece juntamente ao texto castelhano da novela *Amadis de Gaula*, conforme era tradição de uso desta forma poética, difundida através das novelas de cavalaria. O que ainda causa estranheza é a presença de um poeta português na escrita castelhana da novela, uma vez que o contrário seria mais admissível. Como os ricos-homens de Portugal ou de outros reinos tinham trânsito e relações influentes nas várias cortes ibéricas, o conhecimento das suas produções intelectuais é também perfeitamente viável.

A cantiga diz assim:

— Gentil senhora, vosso amor me atormenta de tal forma que outra tormenta que eu sinta não tem nenhuma importância. Mas a mesma tormenta quando causada por vós é mortal.

— Leonoreta, pequena e fina rosa (*fin roseta*), dama mais bela que qual-

quer flor; espero, pequena e fina rosa, que o vosso amor não me ponha em tal sofrimento (*non me metta en tal coyta voss' amor*).

— Das damas que vejo não desejo outra senão a vós, com um desejo tão pungente (*o desejo tan sobejo*) que mataria um leão, ó senhora do meu coração.

— Minha ventura, por loucura, me levou a vos amar. É loucura que muito dura e que não posso deixar, ó formosura sem par.

4 Tençon sobre o soldo

Nesta tenção de escárnio entre D. Joan Garcia de Guylhade e o jogral Lourenço, ficam patentes as difíceis relações entre patrão e empregado, para usarmos uma expressão dos nossos dias, uma vez que o jogral presta servi-

ço ao trovador, apresentando suas cantigas nas festas e saraus dos castelos.

Como os jograis se punham ao serviço de um senhor a troco de soldo ou, às vezes, tão somente da comida, da bebida e do vestuário, havia queixas e desavenças. Na tenção, o senhor, D. Joan Garcia de Guylhade, e o jogral Lourenço, seu soldado, apresentam os respectivos argumentos de senhor e servidor:

— Lourenço, vejo muito você se queixar pelo comer e pelo beber que não seriam servidos ao seu belo prazer (*que t' o non mândo dar a teu prazer*), mas eu quero melhorar a paga; pois agora que lhe ouvi tocar a cítola (*citolar oi*), mando que deem o que você merece.

— Joan Garcia, se o senhor pensa que me queixo em seu poder, o melhor a fazer, no caso, é mandar me dar comida e bebida nas quantidades ne-

cessárias e equivalentes ao meu merecimento; compromisso este que talvez seja difícil de o senhor honrar.

— Lourenço, não me custa pagar (*a min grave non será*) o quanto quiser, pois diante de mim você deu mostras da sua arte; e já sei como devo lhe pagar: mandarei um vilão que tenho como empregado lhe pagar, se tiver um pau para lhe exemplar.

— Joan Garcia, tal paga receberá do senhor o jogral quando para aqui vier, não eu, mas outro jogral que sua arte venha fazer. Quanto a mim, merecerei receber bons trajas (*panos*). Esse tipo de pagamento que o senhor quer dar prefiro deixar para o jogral que quiser.

— Cale-te, Lourenço, que eu me calarei também, chegarei a um acordo com você se você ficar satisfeito com o que eu quiser lhe dar (*do meu filha qu)anto que m' eu der* = do que é meu, toma o quanto eu der).

— Joan Garcia, não receberei nada do senhor (*non vus filbarey alg*), e muito bem tocarei a minha cítola; e tem mais: conheço o meu valor, sei trovar muito bem.

As relações entre D. Joan Garcia de Guylhade e o jogral Lourenço eram de dependência do segundo para com o primeiro, tanto que o senhor não leva a sério a gabolice do jogral de que sabe muito bem trovar. Assim é que ele responde de uma maneira jocosa:

— *A mofar, don Lourenço, e a chufar.*

Esta seria uma forma de interjeição usada para ridicularizar alguma coisa, assim como a *chufa* é um tipo de composição zombeteira. Trata-se, portanto, de um verso todo ele de zombaria, a começar e a terminar pelas expressões sinonímicas *mofar* e *chufar*, passando pela ironia do *don Lourenço*. Como os trovadores eram geralmente homens de linhagem, aos quais era atribuído o tra-

tamento diferenciado, D. Joan Garcia de Guylhade responde à falta de modestia do jogral Lourenço, quando este afirma pretensiosamente que sabe trovar muito bem, com um tratamento descabido de *don*, cercado pelas duas interjeições de zombaria. Este verso final tem ainda uma variante de igual sentido e diferente medida, adotada por alguns editores:

— *Chufar, don Lourenço, chufar.*

A variante ou a forma aqui adotada (*A mofar, don Lourenço, e a chufar*) justifica-se no contexto semântico e no contexto métrico, por se tratar de um verso decassilábico, enquanto a outra forma (*Chufar, don Lourenço, chufar*) constitui um verso de oito sílabas.

5 Tençon sobre o trovar

Nesta tenção de maldizer entre o trovador D. Joan Garcia e Guylhade e o jogral Lourenço, que vivia a seu serviço, podemos observar o quanto irritava ao senhor um vilão encontrar prazer em compor e cantar suas próprias cantigas. Como a arte de trovar dependia de conhecimentos poéticos e musicais, aprendidos nas universidades e escolas eclesiásticas, frequentadas por uns poucos homens de posses e tradição, o exercício intuitivo e espontâneo desta atividade, por pessoas de talento, era visto com suspeita e desconfiança.

— Lourenço jogral, você tem muito prazer em tocar a cítola e também em cantar, além disso começa (*filbar* = pegar) logo a trovar e já se tem por trovador. Por tudo isso direi uma coisa (ren): Deus me confunda, se agora (oje) eu sei em qual destes misteres você é melhor.

Evidentemente, aqui temos uma frase em sentido irônico: *em qual você é pior*, quer dizer o trovador.

— Joan Garcia, sou sabedor dos meus ofícios e de sempre progredir nos mesmos (*de meus mesteres sempre deantar*), mas o senhor anda a desfazer (*desloar* = des + louvar) de mim, mas até que não é tão maldizente (*desloador*), porque, na verdade, reconhece que sei muito bem o meu ofício; do qual o senhor não é conhecedor.

— Lourenço, vejo agora você se queixar da verdade que quero dizer: você já me aponta como mal conhecedor das arte de trovar, mas não quero pelear com você porque conheço os seus ofícios e deles direi: “esse é daqueles que vão semear como os lobos sabem semear”.

— Joan Garcia, no seu trovar o senhor vai achar muito o que corrigir. Deixe-me, que sei fazer muito bem o

ofício que fui começar. Porque eu sei como é o trovar do senhor: nele há muito mais o que corrigir do que no meu.

—Veja, Lourenço, que agora me zanguei, porque você faz tenção muito mal e vou quebrar esta cítola (*citolon* = cítola de má qualidade) na sua cabeça.

— Joan Garcia, que Deus me perdoe, mas eu falo a verdade na tenção, assim o senhor pode fazer o que julgar melhor.

O jogral Lourenço provoca o trovador ao máximo, tentando dizer que a sua arte é mais bem feita que a do trovador. Este então faz valer os seus privilégios de nobre e ameaça quebrar a cítola na cabeça do vilão, que timidamente reafirma o que disse, reconhecendo que o senhor tem o direito de fazer com ele o que quiser.

6 Tençon sobre o Jograal

Nesta tenção de maldizer o jogral Lourenço está mais um vez discutindo em versos, isto é, tencionando, com um trovador, Pero Garcia Burgalez. Aqui ele pede o testemunho do trovador numa comparação entre a sua arte e a dos trovadores que dele desfazem.

— Quero que o senhor julgue, Pero Garcia, a mim e aos trovadores que desdizem (*desdezidores*) do meu trovar, pois eu tenho muito saber e quero ser julgado com imparcialidade.

A falta de modéstia, ou mesmo a arrogância, do jogral fazem com que o trovador seja irônico para com ele, começando por tratá-lo de Don, tratamento que deve ser dispensado aos senhores nobres e aos trovadores de posses e formação escolástica.

— Don Lourenço, você muito me desafia e muito se louva. Aqueles com

quem você trova dizem que você não sabe nada da arte de trovar, nem rima nem sabe metrificar. É disso que lhe acusam, portanto não me desafie a lhe julgar.

— Don Pedro, o modo que ouço o senhor falar me faz pensar que ou o senhor não sabe julgar ou os outros já lhe subornaram (*ofereçon avedes*).

— Don Lourenço, vejo você aqui escarnecer (*posfaçar*), mas quem não sabe nem rimar nem metrificar, só pode se queixar.

O trovador Pero Garcia Burgalez não refuta com veemência a ousadia do jogral, talvez pelo fato de não ser seu senhor; mas insiste no fato do jogral não ter aprendido as artes de rimar e metrificar, como os nobres letrados aprenderam nos colégios escolásticos.

GLOSSÁRIO

— A —

Aa – à

Abadessa – superiora de ordem religiosa,
feminino de abade

Afeïom – afeição

Afrontado – cansado, insultado, ofendido

Agastada – enfadada, irritada

Aginha – depressa, rapidamente

Agrauvo – agravo, aborrecimento, ofensa

Agravada – ofendida

Aja – haja, do verbo haver

Ajade – haja, tenha

Al – outra coisa, nada

Albergado – abrigado, hospedado

Alfaya = alfaia – alfaia, vestimenta de uso
doméstico, enfeite

Alhur – alhures, noutra parte

- Ambrar – fornicar, manter relações sexuais
 Ameyvus – amei-vus
 Amigo – namorado, amado
 Amtre = antre – entre
 An – têm
 Ant’ – antes
 Antolhança – cobiça
 Aparou – proporcionou
 Aque – tanto
 Aquel – aquele
 Aquesta – esta
 Aqueste – este, isto
 Aquisto – conquisto
 Ar – igualmente, outra vez, de novo,
 também
 Arar – trabalhar a terra com o arado, semear
 Ardess’ = ardesse – queimasse
 Arreyte – viril, duro, com apetite sexual
 Arreytado – retado, estimulado sexualmente
 Atã = atan – tão
 Ascondudo – oculto, escondido
 Asinha – depressa, rapidamente
 Asnaes – de asno, muito grande
 Asperança – esperança
 Assanhar – provocar a sanha, a raiva, tonar-se
 agitado
 Assaz – bastante, suficiente
 Assenso – assentimento, consentimento

Assi – assim
 Ata – prende, submete
 Atal – tal, até
 Atan – tão
 Atãto – tanto
 Atenden – esperam, acontecem, tornam
 Avelanas – avelãs, frutos da avelaneira
 Aver – haver
 Averrey – haverrei; chegar a um acordo
 Ave – imperativo do verbo *aver* > *haver*.
 Avedes = havedes – haveis
 Avelaneyra – avelaneira ou aveleira, pé de
 avelã
 Aven – advem, sucede, acontece
 Aver – haver, ter



Bainha (do latim: vagina) – invólucro, dobra
 Banhar – nadar, tomar banho
 Beldad – beleza, muito bela
 Benino, bonino – benigno
 Bever – beber
 Bodalho – porco
 Bõ = boo, bõo – bom
 Brav' = bravo – corajoso, enfurecido



- Ca – do que, pois, porque
 Calarm' – calar-me
 Calat' – cala-te
 Cam – cão
 Caralhos – pênis
 Cativ' = cativo – infeliz, desgraçado,
 prisioneiro
 Cevada – comida para a *criação* (isto é: para
animais ou *vassalos e vilões*)
 Chufar – dizer chufa, zombar, troçar, mentir,
 enganar
 Citola – cítola, instrumento medieval dos
 jograis, tipo alaúde, de quatro ou cinco
 cordas
 Citolar – tocar *cítola*
 Citolon – designação depreciativa de *cítola*,
 cítola ruim
 Co – com
 Cõ – com
 Coid' = coydo – cuidar, imaginar, estar a
 serviço do amor
 Coidado = coydado – preocupação, aflição,
 zelo amoroso, opinião
 Coidar = coydar – meditar, imaginar
 Coita = coyta – sofrimento amoroso, cuidado,
 trabalho para servir à pessoa amada

- Coitedes = coytedes – forma do verbo *coitar*,
importuneis, perseguis, afligis
- Colhedes – forma do presente do indicativo
do verbo *colher*
- Colhões – testículos
- Color – cor
- Come – como; comigo
- Comunal – de boas maneiras, lhano, sociável
- Conhocert’ – conhecer-te
- Conhoscome – conheço-me, sei do meu valor
- Contrayro – contrário
- Cõprida – cheia, plena
- Coraçam – coração
- Coraçon – coração
- Coraes – punhos de renda
- Coro – dependência da igreja, onde são
cantadas as orações
- Correa – tira de couro (lat. *Corrigia*), correia,
cinto, coisa de pouco valor
- Correger – corrigir
- Cõsigu’ = cõsiguo – consigo
- Cousa – nada; coisa
- Cousecer – repreender, examinar, censurar
- Coyd’ = coydo – cuidar, imaginar, estar a
serviço do amor
- Coydado = cuidado – preocupação, aflição,
zelo amoroso, opinião
- Coydar – meditar, imaginar

Coyta = coita – sofrimento amoroso, cuidado,
 trabalho para servir à pessoa amada
 Coytado = coitado – amante que sofre as
 consequências do amor não correspondido
 Coytedes = coitedes – forma do verbo *coitar*,
 importuneis, perseguis, afligis
 Creud' = creudo – acreditado, verdadeiro
 Crido – acreditado
 Cuyd' = cuydo, coydo – cuidado, imagino
 Cuydade – imaginar, refletir, cuidar
 Cuydado = coydado, cuidado – preocupação,
 aflição, zelo amoroso, opinião
 Cuydey – imaginei



Dadeas – dade-as, dai
 D'aqueste – daquele
 Dalgo – de algo
 Damandar – perguntar, procurar, pedir
 Dam' – da-me
 Demãdey – forma do verbo demandar,
 perguntar, procurar, pedir
 Dan = dão – forma do indicativo presente do
 verbo dar
 Dantre – antes de, antes
 Daver – de haver
 Deantar – cumprir com pontualidade,
 progredir

- Delgado – fino, esbelto, elegante
 Demanda – litígio, procura, reclamação
 Demandey = demandei – procurei,
 perguntei
 Demo – demônio, diabo
 Des – desde
 Des i – além disso, desde então
 Desamar – deixar de amar, odiar
 Desamperado – desamparado
 Desasperar – desesperar
 Desatinar – endoidecer, desvairar
 Desaventura – desventura
 Desdezidores – maldizentes, que falam mal
 Desfazimento – ato de desfazer
 Desforço – vingança, desforra
 Desguysado = desguisado – inconveniente,
 fora de propósito
 Desloar – desfazer, mal-dizer, o contrário de
loar, ou de *louvar*
 Destorvou – forma do verbo *destorvar*,
 incomodar, criar estorvo
 Deulhi – deu-lhe
 Dina – digna
 Direyvus – direi-vus
 Dis – disse
 Dixelh’ – dixe-lhe, disse-lhe
 Dõa – de uma
 Doas – presentes, doações

Doo – dor
 Dordenar – de ordenar
 Dormio – durmo
 Drudo = drut – amante
 Dũa = дума – de uma
 Dultança – dúvida

— E —

Ei = ey – hei, tenho (do pres. Do indic. Do verbo *aver* = *haver*)
 Eẽffadado – enfadado, com enfado, tédio, mal estar
 El – ele
 Emanguado – provido
 Emde – disso, por isso, nem
 Emprenha – engravida
 En, ã – em, isso, daí, por isso, ainda que, embora
 Encaecer – passar por velho
 Encaralhado – viril, possuidor de dotes sexuais
 End' = ende – por isso, disso
 Endoado – ferido (de amor), magoado
 Enfadado – aborrecido
 Enmentarey – futuro do verbo *enmentar*, lembrar, mencionarei, farei referência
 Eno – em o, no

- Enssinademe – ensinai-me
 Entenças – fazes *tençon*
 Envio – forma do verbo enviar, mandar
 Er – também, o mesmo que *ar*
 Erades – forma do imperfeito do verbo *seer*
 Ergeria – ergueria, levantaria, endireitaria
 Ergas = erguas – a não ser, senão, exceto
 Escaralhado – impotente
 Escarnecia – zombava
 Esquyv' = esquivo – desdenhoso, que trata mal
 Est = é – é, forma do presente do verbo *seer*
 Est' = esto – isto
 Estar – lugar de hóspedes
 Estonces – então
 Estorvar – por obstáculos, impedir, incomodar
 Et = e – e (do latim *et*), usada principalmente antes de vogal
 Ey = ei – hei, tenho (forma do presente do indicativo do verbo *aver* = *haver*)



- Fal – falta
 Falha = falha – falta, erro, pecado, engano
 Fazm' – faz-me
 Fea – feia
 Fee = fé – crença

Fezess' – fez-se
 Filha = filha – filha, nascida de
 Fin – fina, bela
 Fî = fin – fim, término
 Fodimalhas – sexualmente apto
 Fremosa – formosa
 Fremusura – formosura
 Frol – flor
 Frolida – florida
 Fuge – foge



Gaar = gãar – ganhar
 Gaj' = gajo – velhaco, malandro
 Gajé – garbo
 Galardam = galardão – glória, prémio,
 recompensa de serviços importantes
 Garvaya = garvaia – vestuário da corte, peça
 de luxo, ver *guarvaya*
 Genta – gentil
 Gêtes = gentes – pessoas
 Grado – voluntariamente, agradecido, de boa
 vontade
 Grã = gram, gran – grande
 Graue = grave – pesado, penoso, difícil
 Guarda = garda – proíbe; interdição

Guarvaya = garvaya – garvaia, vestuário da
corte, peça de luxo

Guysa – guisa, jeito, modo, maneira

— H —

Ham – forma do presente do indicativo do
verbo *haver*

He = e – é (*est>e>ê*)

Hi – aí

Hida – ida

Hirm' = hir-me – ir-me

Hirme = hir-me – ir-me

Hu – onde, quando

Hũa – uma

— J —

I – aí, nisso, lá, então

Iguar – metrificar, trovar, compor

Irmana – irmã

— J —

Ja – já

Jajũar – jejuar, fazer jejum, abster-se de
comer

Jaz – descansa, está deitado ou quieto

- Jazedes – forma do verbo *jazer*, estais,
permaneçais
- Jograr – jogral, tocador e cantador de trovas
medievais
- Juizo – juízo, opinião, descrição
- Juntans' = juntan-se – juntam-se, unem-se,
acasalam-se
- Juntasse – forma do verbo *iuntar*, juntar, unir,
acasalar
- Jurado – feito jura, apalavrado



- Lay = lai – antiga canção lírica ou épica
- Lazeyro = lazeiro – forma do verbo *lazerar*,
sofro, peno
- Leon = leão – um dos antigos reinos ibéricos,
depois unido a castela
- Ler – praia
- Levadelo = levade-lo – seguiste o
- Levado – embravecido, levantado,
encapelado, alto
- Levãtey = levãtei – levantei
- Leyxar – deixar
- Lho – lo
- Lo – o
- Loaçã = loaçan, loaçom – louvação, elogio
- Loar – louvar

Logar – lugar

Lograr – conseguir, alcançar

Logu' – agora

Loor – louvor

Louçaã, louçana – bela, formosa

Louv'en(o) – louvem-o



M' = me – me, a mim

Ma – minha

Madr' = madre – mãe

Mãdades = mandades – forma do verbo
mandar, mandais, ordenais

Mãdo = mando – forma do verbo *mandar*

Maestria – talento

Maíça – malícia

Mais – mas; mais

Maldizêtes – maldizentes, detratores, que
falam mal

Maloutia – doença venérea

Mandado – recado, notícia

Manho – estou, permaneç, vivo

Mansa – meiga

Mao = mal – ruím (do latim *malu*) mal dia

Maridada – que tem marido, casada

Mays – mas, porém

Mea – meia

Menagem – homenagem
 Mengou – faltou
 Mentr' = mentre – enquanto
 Merçe – mercê, compaixão, graça
 Mester – ofício; atividade
 Metesm' – metes-me
 Mha = mia, mya – minha
 Mi – mim; me
 Migo – comigo
 Milhor – melhor
 Minguar – faltar
 Mirar – olhar
 Mister – urgência, precisão
 Moesteyro – mosteiro
 Mofar – zombar, fazer troça
 Molher – mulher
 Moor = mor – maior
 Moy = muy – muito
 Moyro = moiro – morro
 Moyto = muyto – muito
 Mũi = mui – muito
 Mũy = mũyt', mũyto – muito

— N —

Nam – não
 Namorada – enamorada, comprometida,
 apaixonada
 Natura – natural, conforme a natureza

Nẽ = nen – nem

Nemigalha = nemygalha – nada, coisa
alguma

Nenhuĩ = nenhũ – nenhum

Nõ = non – não

Noj' = noio, nojo – aborrecimento

Nũca = nunca – jamais

Nulha – nenhuma



Ogano – este ano

Oi – ouvi

Oj' = oj', oje – hoje

Om', omẽ, omen – homem

Ome – homem

Ond' – onde

Ora – agora

Ordinhado – ordenado, membro de uma
ordem religiosa, padre

Ous' = ouso – forma do verbo *ousar*, atrevo,
arrisco

Ouve – houve

Ouver – houver

Ouvesse – houvesse, tivesse



- Paan = pan – pão
 Paços – côrte, solar
 Pagada – contente, satisfeita
 Pan – pão
 Panos – trajes, hábitos, vestes
 Pao – pau, vara
 Par – por
 Paravoa – palavra
 Pardom – perdão
 Pariron – pariram
 Parelha = parelha – par
 Parlar – conversar, falar
 Parteria – separaria
 Pastor – jovem, virgem, sem experiência
 Peça – tempo
 Pee – pé
 Peer – traquejar, expelir gases
 Peervusia – peer-vos-ia
 Pego – pélogo, a parte mais funda do mar
 Peleja – contenda, disputa
 Pelhejar – pelejar, batalhar na guarra, ou travar
 uma *tençon* na arte de trovar
 Pendemça – penitência
 Peor – pior
 Per – por; muito
 Pera – para

- Pero – mas, ainda que, embora
 Pesar – incômodo
 Peyor = peior – pior
 Pino = pinho – árvore, planta
 Pique – espécie de lança antiga
 Piss' arreitado – órgão masculino rijo, em
 ereção
 Pissuça – penis
 Poer – por (verbo)
 Pois – depois, depois que, desde que,
 porque
 Polo – pelo
 Pont' – imediatamente, na hora
 Porfiou – teimou
 Pos – depois, após, prometeu
 Pose-o – pô-lo
 Posfaçan – ridicularizam, troçam
 Pran – valor
 Prasmo – censura, crítica; medo
 Pregũteyos – perguntei-os
 Pregũtou – perguntou
 Prenhada = prenhada – parida
 Prenhe – prenha, grávida
 Prendi – tomar, receber recompensa
 Prestador – cuidador
 Prez – preço, mérito, valor, dignidade, apreço
 Prioressa – superiora de um convento,
 abadessa

- Privado – favorito, indivíduo que acompanhava o rei
 Proençal – provençal
 Prol – proveito; a favor
 Prouguesse – prazer
 Prouve – ordenou, munuiu, coube
 Puinha – ponha
 Punhey = punhei – forma do perfeito do indicativo de *punbar* ou *punbar*, decidi, procurei, esforcei-me



- Queredevus – quereis-vos
 Queyxarvosedes = queixar-vos-edes – vós vos queixareis
 Queyxarvusedes – queixar-vos-edes
 Quytar = quitar – livrar, tirar, afastar, deixar, esquecer
 Quytastesme = quitastes-me – pagaste-me, deixaste-me
 Quayso = quis – quis



- Razõ = rason, rezam – razão
 Rẽ = ren, rem – (do latim, *res*) alguém, alguma coisa, algo

Regrado – religioso que obedece a uma
regra ou a um juramento, ordenado, que
recebeu ordens eclesiásticas

Ren – algo (ver rẽ)

Retraya – retrate, descreva

Rog' – rogue

Rogia – murmurava em segredo

Romeus – romeiros, peregrinos

Rosetta – rosinha, pequena rosa



Sa – sua

Saa – sua

Saaide – saiam

Sab' – sabe

Sabedes – sabeis

Sagaz – perspicaz, fino

Saíva = saiiva – saliva, secreção

Salido – particípio do verbo *salir*,
embravecido, saído fora do leito

Sam – são

San' – são

Sandia – louca

Sanhudo – furioso, terrível, medonho, maluco;
que tem sanha, fúria

Sano – são

- Saya = saia – vestimenta feminina (na idade média, para sair ou receber estranhos, as mulheres usavam um manto sobre a saia)
- Sazon – estação, ocasião, tempo
- Seiade – seja
- Seëd' = seëdo, sendo – forma do verbo *seer*, sendo
- Seer – ser, estar
- Segrel – jogral e trovador que recebia pagamento pela sua arte
- Semelha – parece, tem aspecto de
- Semelharã = semelharan – assentarão, combinarão, parecerão
- Sen – juízo, senso
- Senho – respectivo
- Senhor – senhora
- Senheira = senlheira – sozinha
- Senho = senho – respectivo
- Senhor = senhor – senhora
- Senta – forma do verbo *sentir*, sinta
- Seve – forma passada do verbo *ser*, esteve
- Sevi – passou-se
- Seym' – sei-me
- Si – (pron., *Sibi*) si
- Si – (adv., *Sic*) assim
- 'si = assi – assim
- Sim – si
- Sirventês = sirvantês – cantiga que exprime conceitos e idéias

Siso – sentido
 Sobejo – demasiado, sobra
 Sobrelo – sobre ele
 Sobrepelica – sobrepeliz, veste de padre
 rezar missa
 Sodes – sois, do verbo ser
 Soen – forma do verbo soer, costumam
 Sofrudo = sofrido – que sofre
 Sogeito – sujeito
 Soia = soía – forma do verbo soer,
 costumava
 Sol = só – somente, porém
 Soldo – importância paga, vencimento
 Soo = são, som, son – forma do verbo ser, sou
 Sospiro – suspiro
 Sso – sou
 Ssy – sim



Tã – tão
 Talho – feitio, talhamento
 Tam – tão
 Tan – tão
 Tantamey = tant' amei – tanto amei
 Tãer – ter (do latim *tenere*)
 Tãest' = tães-te – forma do presente do
 indicativo do verbo *tãer*, tens a ti

- Tença, tençan – disputa, pejeja, discussão
em versos (ver: *tençon*)
- Tenção – propósito, intenção
- Tençon – pejeja, discussão em verso, disputa
entre trovadores
- Tercer – terceiro
- Terraa = terrá – terá
- Tever = teuer – tiver
- Todoos – todos os (combinação do pronome
com o artigo, existe ainda *todola*)
- Tolheram – tiraram
- Torva – turvo
- Tosquiavã = tosquiavan – pestanejavam
- Traje – forma do verbo *traier* ou *trager*, traz
- Tralo – tra-lo, além de, atrás do
- Travo – entabulo, repreendo, sofro censura
- Travar – censurar, acusar
- Travan – forma do indicativo presente do
verbo *travar*; censuram, acusam
- Treydes = treides – forma do verbo *traer*,
vinde
- Trobã = troban – forma do verbo *trobare*,
trovam, versejam, fazem trovas
- Trobar = trovar – cantar em trovas
- Trovou – inventou, censurou



U – onde, quando

Un – um

Ūũa – uma



Vã – vão

Vaa – vai

Vaan = vam – indicativo presente de *ir*, vão

Val – forma do presente do indicativo de
valer

Valha – acuda, venha em minha ajuda

Valia = valia – valor, merecimento,
importância

Van – vão

Vẽ = ven, uen – vem, indicativo presente do
verbo *uuir*, vir

Vedes – vê

Veend' = vendo – forma do verbo *ueer* (lat.
Videre), vendo

Veer – ver, vier

Vej' = vejo – indicativo presente do verbo
ueer (lat. *Videre*), vejo

Vejan = vejan – vejam

Vejo = vejo – indicativo presente do verbo
ueer (lat. *Videre*), vejo

Vejote – vejo-te

Vel – ou, pelo menos, sequer

Vel – pelo menos, sequer, ou

- Vela – vê-la
 Velido – belo, formoso, bem talhado
 Velido, velida – belo, formosa, bem talhado
 Ven – vem
 Ventura – destino, felicidade, sorte
 Veo – forma do verbo *vir*; veio
 Verdad' = verdade – verdade
 Veremo' = veremos – futuro de *veer* (lat. *Videre*), veremos
 Verraa = verrá – futuro de *uiir*>*vir*; virá
 Vertudes – virtudes
 Vestiir = vestiir – vestir
 Via – caminhada, jornada
 Vigo – importante cidade da galícia
 Vilão = vilão – servo, camponês nascido no feudo do fidalgo, homem ou mulher do povo
 Viv' = vivo – vivo
 Volo – vê-lo
 Volos – vo-los, vós os
 Volos = vo-los – forma átona resultante da contração de *vus* (vos) com o pronome *los* (eles)
 Vontade – afeto, amor
 Vos = vos – vós
 Vosc' = vosco – convosco
 Voss' = vosso – vosso, por amor de vós
 Voo = vou – indicativo presente do verbo *ir*

Vus – vos, pron. Oblíquo

— X —

X' = xe, xi – se

— Y —

Y = i – aí, nisso, lá, então

Ⓞ interesse dos cavaleiros de alta linhagem pela formação reservada ao clero fez com que, a partir de 1269, a Igreja abrisse aos leigos as aulas de gramática, lógica e teologia.

REFERÊNCIAS

e Bibliografia não referenciada

- ALONSO, Damaso. Carjas, cantigas de amigo e vilancetes. *A Phala*, 42, Lisboa, 1995, p. 5.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. *As cantigas de Pero Meogo*. Rio de Janeiro, 2ª ed., Tempo Brasileiro, 1981.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. A edição crítica de textos portugueses. In —: *Uma visão brasileira da literatura portuguesa*. Coimbra, Almedina, 1973, p. 151-174.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. *História da literatura portuguesa: a poesia dos trovadores galego-portugueses*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Maceió, Edufal, 1983.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. *Iniciação à crítica textual*. Rio de Janeiro, Presença, 1987.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. Nova edição crítica de Martin Codax. In: VVAA. *Miscelânea de estudos literários*; homenagem a Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Palhas / INL. 1984, P. 367-378.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. O poema musical de Codax como narrativa. In —: Uma visão brasileira da literatura portuguesa. Coimbra, Almedina, 1973, p. 19-53.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. Structure et rythme du vers décasyllabe chez D. Joan Garcia de Guilhade, troubadour du XIII siècle. *Romania*, 89 (3), Paris, 1968, p. 289-312.

CANCIONEIRO DA AJUDA (A Diplomatic Edition by Henry H. Carter). New York, Modern Language Association of America; London, Oxford University Press, 1941.

CANCIONEIRO DA AJUDA (Edição crítica por D. Carolina Michaëlhis de Vasconcelhos). Halle A. S., Max Niemeyer, 1904, 2 vol. (Trabalhamos com a 2ª ed.: Reimpressão da edição de Halhe, acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas. Lisboa,

Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1990).

CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL (*Colocci-Brancuti*) Cod. 10991. Reprodução facsimilada, Lisboa, Biblioteca Nacional, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

CANCIONEIRO PORTUGUEZ DA VATICANA (Edição crítica por Theophilo Braga). Lisboa, Imprensa Nacional, 1878 (Fotocópia do exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa).

CANCIONEIRO PORTUGUES DA BIBLIOTECA VATICANA (Reprodução facsimilada com estudo de Luís Filipe Lindley Cintra). Lisboa, Centro de Estudos Filológicos / Instituto de Alta Cultura, 1973.

CASTRO, Armando. *As idéias económicas no Portugal medievo*. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1978 (Biblioteca Breve, Vol. 13).

CASTRO, Ivo. Uma nova edição da Demanda do Santo Graal. In PIEL, Joseph-Maria (Editor crítico): *A Demanda do Santo Graal*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s. d.

- CASTRO, Ivo. *Sobre a edição de textos medievais portugueses*. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1973 (Reprodução de tese apresentada ao Congresso Internacional de Filologia Portuguesa).
- CASTRO, Ivo & RAMOS, Maria Ana. Estratégia e tática da transcrição. In ASENSIO, E. et alii: *Critique textuelle portugaise*. Actes du Colloque de Paris (20-24 oct. 81). Paris, Fondation Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portuguais, 1986, p. 99-122.
- CIDADE, Hernani. *Lições de Literatura Portuguesa*. 5ª ed. rev., Coimbra, 1968. vol. 1
- CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Cancioneiro português da biblioteca vaticana*; reprodução fac-similada. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos / Instituto de Alta Cultura, 1973.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Crónica geral de espanha de 1344*; edição crítica do texto por L. F. L. Cintra. 3 vol. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley. Observations sur l'orthographe et la langue de quel-

- ques textes non-littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié de XIIIe siècle. In: *Apport des anciens textes romans non-littéraires a la conbasissance du Moyen Age*. Revue de Linguistique Romane, Paris, 27: 59-77.
- CRÓNICA GERAL DE ESPANHA DE 1344 (Edição crítica por Luís Filipe Lindley Cintra). 3 vol. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- CUNHA, Celso. *Estudos de poética trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL, 1961.
- CUNHA, Celso. *O cancioneiro de Joan Zorro*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1949.
- CUNHA, Celso. *O cancioneiro de Martin Codax*. Rio de Janeiro, s. ed., 1956.
- CUNHA, Celso. Sobre o texto e a interpretação das cantigas de Martin Codax. In ASENSIO, E. et alii: *Critique textuelle portugaise*. Actes du Colloque de Paris (20-24 oct. 81). Paris, Fondation Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portugais, 1986, p. 65-83.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e idade média latina*. Rio de Janeiro, INL, 1957.

- FREIRE, A. *Índices do Cancioneiro de Resende e das Obras de Gil Vicente*. s. ed. Lisboa, 1900.
- GENTIL, Pierre le. *Lições de Literatura Portuguesa*. 7. ed. rev., Coimbra, 1971. Contém bibliografia crítica.
- GONÇALVES, Elsa. *Atebudas ata fiinda*. Separata de *O cantar dos trovadores*. [Vigo], publicação da Xunta de Galicia, s.d., p. 167-186.
- GONÇALVES, Elsa. *Filologia literária e terminologia musical: "Martin Codaz esta non acho pontada"*. Separata de *Miscelanea di studi in onore di Aurelio Roncaglia*. Modena, Mucchi, 1989, p. 623-635.
- GONÇALVES, Elsa. Pressupostos históricos e geográficos à crítica textual no âmbito da lírica medieval galego-portuguesa. In ASENSIO, E. et alii: *Critique textuelle portugaise*. Actes du Colloque de Paris (20-24 oct. 81). Paris, Fondation Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portuguais, 1986, p. 41-53.
- GONÇALVES, Elsa. *Sur la lyrique galego-portugaise: phénoménologie de la constitution des chansniers ordenbés par genres*. Separata de *Lyrique romane mé-*

- diévale: la tradition des cansonniers. Actes du Colloque de Liège, 1989. Liège, Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université de Liège, 1971, p. 447-467.
- HOUAISS, Antonio. *Elementos de Bibliologia*. Rio, Instituto Nac. do Livro, 1967.
- JAKOBSON, Roman. Carta a Haroldo de Campos sobre a textura poética de Martin Codax. In: *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p.119-126.
- LANCIANI, Giulia. Textos portugueses dos séculos XVI a XVIII. Problemas ecdóticos. In ASENSIO, E. et alii: *Critique textuelle portugaise*. Actes du Colloque de Paris (20-24 oct. 81). Paris, Fondation Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portugais, 1986, p. 279-285.
- LAPA, M. Rodrigues. *Cantigas d'escarnho e mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Edição crítica. Vigo, Galaxia, 1965.
- LAPA, M. Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa*. Época Medieval. 9ª ed., Coimbra, Coimbra Editora, 1977.
- LUCAS, Maria Clara Almeida. *Hagiografia medieval*. Lisboa, ICALP, 1984.

- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas Trecentistas*. Elementos para uma gramática do Português Arcaico. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Contribuição para a leitura crítica de textos medievais portugueses: sintaxe e grafia. In ASENSIO, E. et alii: *Critique textuelle portugaise*. Actes du Colloque de Paris (20-24 oct. 81). Paris, Fondation Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portuguais, 1986, p. 85-98.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 11ª ed. São Paulo, Cultrix, 1973.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através de textos*. São Paulo, Cultrix, 1968 (25ª ed., revista e aumentada, 1997).
- MOISÉS, Massaud. Idade Média: o universo da poesia. In — *As estéticas literárias em Portugal. Séculos XIV a XVIII*. Lisboa, Caminho, 1997, p. 15-74.
- NUNES, J. J. *Cantigas d'Amigo*. 3 volumes. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926-1928.
- NUNES, J. J. *Cantigas d'Amor*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932.

- OLIVEIRA, Corrêa de & MACHADO, Luís Saavedra. *Textos Portugueses Medievais*. Coimbra, Coimbra Editora, 1969.
- PELAYO, Menéndez. *Historia de la poesia castelhana em la Edade Media*. s/d.
- PERGAMINHO VINDEL. Fotocópia das sete cantigas de Martin Codax incluídas no códice. s. d.
- PIMPÃO, A. J. *Cantigas d'El Rei D. Dinis*. Prefácio, seleção, notas e glossário por A. J. da Costa Pimpão. Coleção Clássicos Portugueses. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1942.
- PIZZORUSSO, Valeria Bertolucci. *Le poesie di Mantin Soares*. Bologna, Palmaverde, 1963.
- SARAIVA, Antonio José. *A épica medieval portuguesa*. 2ª edição. Lisboa, ICALP, 1991.
- SENA, Jorge de. *Estudos de História e de Cultura*. 1967. I, sep. de «Ocidente».
- SILVA NETO, Serafim da. *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1956.
- SOUZA, Risonete Batista de. *Estudo descritivo do vocabulário de Pero da Ponte*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1997 (Dissertação de Mestrado,

- orientada por Nilton Vasco da Gama), Vol. I: Estudo; Vol. II: Corpus.
- SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. Rio de Janeiro, Grifo, São Paulo, EDUSP, 1972.
- SPINA, Segismundo. *Iniciação na cultura literária medieval*. Rio de Janeiro, Grifo, 1973.
- STEGAGNO PICCHIO, Luciana. *A lição do texto: Filologia e literatura. I: Idade Média*. Lisboa, Edições 70, s. d.. (Coleção Signos, 20)
- TAVANI, Giuseppe. *Considerazioni sulle origine dell' «arte mayor»*. In: *Cultura Neolatina*. Nº 24, 1965.
- TAVANI, Giuseppe. Problèmes de la poésie lyrique galego-portugaise. *Colóquio-Letras*, Lisboa, 1974, 17: 7-18.
- TAVANI, Giuseppe. Filologia e crítica textual na edição das cantigas medievais. In ASENSIO, E. et alii: *Critique textuelle portugaise*. Actes du Colloque de Paris (20-24 oct. 81). Paris, Fondation Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portuguais, 1986, p. 29-39.
- VASCONCELHOS, Carolina Michaëlis de. *Cancioneiro da Ajuda*. Halhe A. S., Max Niemeyer, 1904, 2 vol. (Trabalhamos

com a 2ª ed.: Reimpressão da edição de Halhe, acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas. Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1990).

VASCONCELHOS, Carolina Michaëlhis de. Glossário do Cancioneiro da Ajuda. *Revista Lusitana*, nº 23, Porto, 1921, p. 1-95.

VIEIRA, Yara Frateschi. *Poesia Medieval: literatura portuguesa*. São Paulo, Global, 1987.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Introduction à la poésie orale*. Paris: Seuil, 1983

_____. *Essai de poétique médiévale*. Paris, Seuil, 1978.

Tipologia: Gatineau, corpo 12
Formato: 100 x 170 mm
Número de páginas: 82
Salvador, 2019



Cid Seixas é professor titular da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana. Publicou diversos livros e centenas de artigos, tendo orientado teses de doutorado e dissertações de mestrado. Antes de se dedicar ao ensino, trabalhou como jornalista, de onde vem sua declarada preferência pelos textos breves e de alcance pelo leitor comum.

O TROVADORISMO GALAICO-PORTUGUÊS

Parte V

Outras Cantigas

Glossário de termos arcaicos
e Bibliografia Geral

Além das produções líricas, em forma de cantigas de amor, de amigo e das satíricas, a inventividade dos trovadores galaico-portugueses adotou também outras formas menos usuais ou menos esquemáticas.

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL